

As representações sociais hegemônicas do trote estudantil no telejornal Bom Dia Tocantins¹

Anaelson Leandro de Sousa²
Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Podemos identificar a prática do trote como rito de iniciação desde o período histórico da Antiguidade em ambientes militares, esportivos e escolares. Na Grécia antiga os estudantes calouros eram submetidos ao trote na Academia de Atenas (BLAZQUEZ, 2001). Nuwer (1999) acredita que o trote estudantil teve início com a criação das universidades europeias. Marcitllach e Freire (2013) relatam que por volta do século XII nas universidades europeias era comum entre autoridades acadêmicas e alunos o “pennalism”, prática de origem germânica que consistia na submissão do calouro ao veterano. Cimino (2003) acredita que o abuso a novos membros do grupo estudantil continua sendo um fenômeno intercultural intrigante e persistente. Allan e Madden (2012) definem o trote como uma violência interpessoal, que humilha, degrada, abusa ou põe em perigo, independentemente da vontade da pessoa de participar, e Zuin (2002) é enfático ao afirmar que o trote universitário é identificado como um rito de passagem cujas violências física e psíquica são justificadas como uma tradição que muitos consideram que deve ser perpetuado nas universidades. O trote estudantil, quando culmina com práticas abusivas e violentas, quase sempre recebe um importante destaque nos noticiários, principalmente no telejornalismo. Embora os fatos negativos chamem a atenção das audiências, há outro tipo acontecimento que igualmente “irrompe na superfície lisa da história” (RODRIGUES, 1993) em oposição aos trotes abusivos, são os trotes solidários. Recentemente, diversas Instituições de Ensino Superior (particulares, federais, estaduais, confessionais e municipais), juntamente com a sociedade civil, vêm adotando medidas de prevenção e controle do trote violento (AKERMAN e CONCHÃO, 2020). Neste novo tipo de recepção aos calouros acontecem atividades solidárias que procuram substituir os trotes violentos que constroem e humilham os ingressantes dos

¹ Trabalho apresentado na DT 6 - DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

² Doutorando em Educação pelo PPGE/UNESA, Rio de Janeiro/RJ e professor do Curso de Jornalismo UNEB, campus III, Juazeiro, BA, email: anaelson_leandro@gmail.com.

cursos de graduação nas universidades. As práticas desse novo tipo de trote são variadas e se apresentam quase sempre como atividades de extensão universitária, praticadas em instituições escolares, hospitalares, assistenciais e outras. Sendo o trote violento ou não, é certo que dele surgem representações sociais, ou melhor, formas de conhecimentos elaborados no senso comum sobre esta prática social do trote. As representações sociais são estabelecidas a partir da conversação entre membros de um determinado grupo social, mas também pelo que é veiculado pelos meios de comunicação. Jodelet (2001) define as representações sociais como: “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p.22). Diante deste contexto, indagamos: como o trote violento, ocorrido na recepção dos estudantes nas universidades, são noticiados nos telejornais? Qual o espaço que o trote solidário ocupa nestes noticiários? Quais são as representações sociais dos trotes veiculados pelo Bom Dia Tocantins? O objetivo de nosso trabalho é analisar como os trotes (violento e solidário) foram noticiados no telejornal Bom Dia Tocantins, da TV Anhanguera no período de 2010 a 2020. Para formar o *corpus* de nossa pesquisa utilizamos a ferramenta de busca da plataforma Globo Play, com as palavras chaves: “trote”, “universidade” e “trote estudantil”. A metodologia melhor adequada para este tipo de análise de reportagens de televisão é a Análise de Conteúdo – AC. Para Bardin (2016) trata-se de um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimento sistemático e objetivo de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam uma inferência de procedimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens. A AC indica que o primeiro contato com o material deve ser a Leitura Flutuante. Este procedimento possibilita escolher o que deve ser pesquisado. Em seguida já é possível demarcar o *corpus* da pesquisa. Bardin define *corpus* como o conjunto de documentos que podem ser submetidos aos procedimentos analíticos, “e sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras” (2016, p. 97). Essa definição de *corpus* possibilita que na sequência seja realizado o Recorte de Texto, e nele o analista deverá visualizar as dimensões quantitativas e qualitativas do material. No primeiro é preciso explicitar a composição do material; no segundo, é possível lançar inferências a partir das partes expostas de seu conteúdo. O passo adiante é o agrupamento das informações que possam ser esquematizadas a partir da constituição de uma Grade Temática, onde o objeto

de análise é melhor visualizado. Partindo para as considerações teóricas de nosso trabalho, é preciso mencionar que o conjunto de reportagens do telejornal Bom Dia Tocantins, não foram da tv aberta, e sim da plataforma de conteúdo do Globo Play, que armazena digitalmente todo o conteúdo local veiculado pelas emissoras afiliadas ao grupo Globo. Assim, os telejornais podem ser acessados após a sua veiculação e podem ser consumidos por demanda, ou seja, pelo interesse do receptor em qualquer parte do planeta que tenha acesso à internet e a qualquer tempo. Esta forma de consumo é denominada de Cross-media, que significa a transmissão de um mesmo conteúdo por plataformas diferentes (RENÓ, 2013). É pertinente notar como essa nova dinâmica amplia a circulação de representações sociais, mas antes é preciso entender como elas estão implicadas na comunicação. A teoria das Representações Sociais (TRS), formulada por Serge Moscovici, se preocupa em compreender como pessoas comuns, comunidades e até instituições produzem saberes sobre si mesmas, sobre outros e sobre a multidão de objetos sociais que lhes são relevantes (JOVCHELOVITCH, 2008). A TRS é uma teoria sobre os saberes sociais, mais precisamente sobre a construção e “transformação desses saberes em diferentes contextos sociais” (p.87). Esses saberes são uma forma de senso comum: “quando se estuda o senso comum, o conhecimento popular, nós estamos estudando algo que liga a sociedade, ou os indivíduos, a sua cultura, a sua linguagem, ao seu mundo familiar” (MOSCOVICI, 2015, p.322). Jodelet (2001) afirma que o senso comum, ou saber ingênuo, é uma forma diferenciada do conhecimento científico. Contudo, para a autora este não perde a sua legitimidade, devido à sua importância na vida social e à elucidação de processos cognitivos e das interações sociais. Moscovici saliente que “a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (1978, p.26). Moscovici ([1961] 2012) na segunda parte de sua pesquisa inaugural destacou a importância da comunicação como meio de divulgação das representações sociais. As dimensões comunicativas tem a ver edificação da conduta: opinião, atitude e estereótipo, sobre os quais intervêm os sistemas de comunicação midiáticos. Estes sistemas operam como: difusão (relacionada à formação das opiniões); propagação (relacionada à formação das atitudes); e propaganda (refere-se à formação de estereótipos). “Assim, a comunicação social, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, aparece como condição de possibilidade e de determinação

das representações e dos pensamentos sociais” (JODELET, 2001, p. 30). Moscovici no final da década de 1980, em resposta aos críticos de sua teoria, acrescenta ao sistema de comunicação três tipos de circulação de representações sociais disponíveis em nosso sistema cultural, são as representações hegemônicas, emancipadas e polêmicas (MOSCOVICI, 1988). A primeira está relacionada a um público heterogêneo, podendo circular em amplos espaços; a segunda permeia públicos segmentados; e a última pode ocorrer a partir dos discursos de temas específicos como racismo, por exemplo. Nas representações sociais hegemônicas estão os meios de comunicação de massa, e é por eles que circulam os saberes do senso comum. É nesse sentido que apresentaremos agora o resultado de nossa Análise de Conteúdo do telejornal Bom Dia Tocantins. A TV Anhanguera foi fundada em Goiânia, em 1963, e se tornou uma das primeiras emissoras afiliadas da Rede Globo de Televisão. A emissora faz parte do Grupo Jaime Câmara, e na região tocantina entrou oficialmente no ar no dia 10 de dezembro de 1976, na cidade de Araguaína, ainda pertencente ao estado de Goiás. De acordo com Rocha, Soares e Araújo (2014) a TV Anhanguera chegou a Palmas em 1995, e seus principais produtos jornalísticos são os telejornais “Bom Dia Tocantins” e “Jornal Anhanguera” 1ª e 2ª edições. De acordo com Fonseca (2019) o Bom Dia Tocantins é o maior telejornal em tempo de produção, com notícias do Estado e sua linha editorial abarca notícias de cunho político analítico, comunitário, informações de esporte, cultura, além de incentivar a interatividade. Na nossa pesquisa mapeamos no período de 2010 a 2020 o equivalente a 17 produções sobre trote estudantil, entre reportagens, entrevista e nota. Não localizamos referência ao trote nos anos de 2010, 2011, 2012 e 2018. Contabilizamos nas 17 produções mais de 41 minutos dedicados ao tema. O telejornal dedicou 95% do tempo ao trote solidário. Mesmo assim, o trote violento ocupou 6 minutos com a fala do reitor sobre os trotes ofensivos realizado por estudantes da Universidade Federal do Tocantins, em 7 de agosto de 2017. Os demais tipos de trote ocorreram em maior número em Araguaína e Gurupi, e por último em Palmas, a capital. Aparentemente as representações sociais evidenciaram que o trote solidário tem uma boa aceitação entre dirigentes, professores e estudantes. Aparecem muitas comparações com o trote tradicional, e é muito comum mostrar o trote solidário como o trote do “bem”, da cidadania. É interessante notar que os apresentadores e repórteres sempre reforçam essa posição, como se o trote tradicional fosse nocivo. No entanto, é preciso aprofundar mais esta questão. O trote do “bem” parece ter

um protagonismo institucional, partindo de projetos de arrecadação de alimentos, de eventos esportivos, doação de sangue, e outros. É a instituição que parece controlar o rito de passagem do estudante que ingressa na vida acadêmica. Também é possível argumentar que o destaque que o telejornal dá ao trote solidário acontece pelo engajamento que a TV local tem em projetos de cidadania, e esse engajamento pode refletir em maior destaque para o trote solidário. Não esgotamos o assunto nesta pequena pesquisa. Mas é preciso se debruçar mais sobre o tema. Poderia o trote violento ter pouca aceitação entre os estudantes? Será o trote solidário um novo tipo de ritual de iniciação? Isso é assunto para a continuidade da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Trote estudantil; Telejornalismo; Representações sociais.

REFERÊNCIAS

- AKERMAN, M; CONCHÃO.S. Cultura do trote universitário: desafios que permanecem. **ABCS Health Sci.** 2020; n.45. doi.org/10.7322/abcshs.45.2020.1451
- ALLAN, E.J; MADDEN M. The Nature and Extent of College Student Hazing. **International Journal of Adolescent Medicine and Health.** 2012; 24(1) 83-90.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Trad. Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro . Lisboa, Edições 70, 2016.
- BLAZQUEZ, J. M. La Academia de Atenas como foco de formación humanística para paganos y cristianos. Los casos de Juliano, Basilio y Gregorio Nacianceno.” Gerión. **Revista de Historia Antigua**, n.19. 2001.
- CIMINO, A. Predictors of hazing motivation in a representative sample of the United States. **Evolution and Human Behavior.** 2013;34(6):446–452.
- JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais.** Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura.** Petrópolis: Vozes, 2008.
- MARCITLLACH, A.A; FREIRE, A.G.M. **Novatadas: compreender para actuar.** Madrid (Espanha): Universidad Pontificia Comillas [Internet]. 2013 [cited 2020 abr 20]. Available from: Available from: <http://nomasnovatadas.org/noticias/wp-content/uploads/2014/09/Novatadas-comprender-para-actuar.pdf>

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representations. **European Journal of Social Psychology**, 18, 211-250, 1988 (Tradução em português de Gláucia Alves Vieira para fins educacionais).

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

NUWER, Hank. **Wrongs of passage: Fraternities, Sororities, hazing, and binge drinking**. Bloomington: Indiana University Press, 1999.

FONSECA, Adriano Nogueira da. O Telejornalismo no Tocantins em três momentos: linguagem, história e técnica. In: IV Jornada Interdisciplinar do PPGCOM/UFT – Tendências em Comunicação: a construção social nas narrativas contemporâneas. **Anais...** PPGCOM/UFT: Palmas: 2019.

RENÓ, Denis. Interfaces e linguagens para o documentário transmídia. **Fonseca Journal of Communication**. Monográfico 02, p. 211-233, junho, 2013.

ROCHA, L.V; SOARES, S.R; ARAÚJO, V.T. Abrangências Locais no Jornalismo Online do Tocantins. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS v. 15, n. 29 (171-185) jul-dez 2014.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

ZUIN, A. Á. S. **O trote na universidade - Passagens de um rito de iniciação**. São Paulo. Cortez. 2002.